

Freddy Charlson
Da equipe do *Correio*

O BOMBEIRO HIDRÁULICO JOSÉ MÁRIO ALVES, 32 ANOS, QUEBRA CONCRETO E CAVA VALAS EM UM CANTEIRO DE OBRAS PARA INSTALAR ATUBULAÇÃO DE ÁGUAS PLUVIAIS E ESGOTO. O ARMADOR MARCO ANTONIO SILVA, 26, CORTA, AMARRA, DOBRA E MOLDA PEÇAS DE FERRO PARA MONTAR A ESTRUTURA DE METAL DE ACORDO COM O PROJETO DA OBRA. O SOLDADOR DOGIVAL SANTOS COSTA, 43, FABRICA E MONTA PEÇAS PARA MÁQUINAS DE NOMES ESTRANHOS, COMO PERFURATRIZES E MISTURADOR DE CIMENTO.

São exemplos de operários que colaboram para a eterna construção de Brasília, cidade que não pára de crescer — seja para cima ou para os lados — que fazem variados tipos de trabalho, pesados para a maioria dos mortais, todo dia, o dia inteiro, das 7h às 17h.

Assim, descanso é uma palavra praticamente inexistente no vocabulário dos 40 mil homens e mulheres que trabalham — ao mesmo tempo em que sonham nesse interminável canteiro de obras. São serventes, soldadores, armadores, fiscais de segurança, eletricitas e pedreiros — entre outras funções — que erguem, espalhados pela cidade, os prédios dessa Brasília quase quarentona. Mas com o que tanto sonha essa gente que escava fundações, que arma estruturas de metal, que opera máquinas de nomes, ao mesmo tempo, extensos e estranhos?

“Sonhos?! Menino, isso é o que eu mais tenho”, confessa José Mário Alves, que trabalha no Tribunal Regional Eleitoral, inaugurado em 31 de março. E não é que o *Baixim Bombeiro*, como é chamado pelos companheiros-peões, tem uma penca de sonhos? Um aparelho de som, uma estante, uma cama para a filha de dois anos, Wendy — que ainda dorme no berço —, além de um aparelho de tevê. “É que a gente briga lá em casa, no domingo. Minha mulher, Maria das Mercedes, e a outra filha, Emily, querem ver o Faustão. E eu, o futebol”, diz esse flamenguista roxo, que mora em Santa Maria, numa casa própria, mas ainda em construção.

É para tornar verdade esses prosaicos desejos que o baixinho trabalha, trabalha, e tenta compensar a frustração por não ter conseguido realizar o sonho de infância. O de viver ao lado da dezena de irmãos, tocando gado e arando a terra, na roça, em Custódia, Pernambuco, de onde saiu há 11 anos. Mas — ironia do destino — José Mário é quem acabou “tocado” do interior. Culpa da seca e da falta de perspectivas.

A mesma falta de perspectivas que empurrou para o Planalto Central, há 27 anos, da baiana cidade de Vitória da Conquista, o soldador Dogival Santos Costa, que vive na Cidade Ocidental, em uma casa comprada com o dinheiro da herança do pai. Dogival empunha maçaricos e faz soldas de segunda a sexta, das 7h às 17h, na obra do Tribunal de Justiça do Distrito Federal. Pelo trabalho realizado há oito anos, olhando fiapos de luz protegido por uma máscara de ferro, recebe R\$ 650 mensais.

Dá? Dá, mesmo que sem luxo algum. Com o salário, paga água (R\$ 20), luz (R\$ 40), telefone (R\$ 40), mais a gasolina do velho Opala 80 (R\$ 100) e a despesa de casa (alimentação e gás). No final, não sobra nada. Economizar? Ele nem pensa nisso. “Poupança” é uma palavra tão distante de seu vocabulário quanto “Descanso”. Uma tristeza para o senhor bigodudo e de cabelos ralos, que, quando criança, só pensava em terminar os estudos e virar dentista. O máximo que chegou foi quando fez um curso de protético. Teria o sonho morrido por aí?

Fotos: Carlos Vieira



Dogival Santos Costa, 43 anos, mora na Cidade Ocidental e trabalha como soldador. Ele carrega a decepção de não ter conseguido se formar em Odontologia

SONHOS E FRUSTRAÇÕES

O MAIOR DESEJO DE QUEM CONSTRÓI PRÉDIOS E EDIFÍCIOS RESIDENCIAIS É TER UMA CASA PRÓPRIA. MAS ALGUNS SE CONTENTARIAM COM UMA TELEVISÃO PARA VER O FUTEBOL

Nem pensar. O soldador agora quer transferir o sonho de instrução para o filho André de Cesaris, 12, que faz a sexta série. Enquanto isso não acontece, Dogival espera — o que é quase um sonho, também — que a empresa invista nele, em cursos de aperfeiçoamento, como computação, por exemplo. Quer ser transferido para a área de engenharia. “Ali *mano* bastante. Não tenho sonhos materiais. O que queria já tenho, que é uma casa”, satisfaz-se.

INSATISFAÇÃO GARANTIDA

Como não se satisfaz o armador — aquele que corta, dobra e molda o ferro para determinada estrutura seguindo exigências do projeto —, da mesma obra, Marco Antonio Silva, 26. Com um salário menor, R\$ 400, Antonio tem o suficiente para sobreviver. Só com as compras gasta R\$ 200. Outros R\$ 150 vão para o aluguel. O troco, fica com a água e a luz. A mulher, Genecilda, vive para cuidar do pequeno Hallyfe (nome escolhido em um dos filmes que o armador vê de madrugada na tevê), cinco anos. Com o 2º grau completo, Antonio queria ser advogado. “Para defender pessoas honestas e condenar as erradas.”

Mas os anos passaram e esse sonho ficou para trás. Agora, o armador trabalha para virar mestre-de-obras. Profissão que, acredita, não o obrigaria a estudar tanto. “Só preciso saber analisar projetos, com todas as funções. Armador, soldador, pedreiro, eletricitista. Saber o que cada um tem que fazer na obra”, explica. Mas se o sonho de virar advogado não é mais fixação de Antonio, outro sonho ele não deixará escapar tão cedo: o de comprar uma casa.

“É o sonho de todas as pessoas. E não poderia deixar de seu o meu, também”, conta o trabalhador que considera uma ironia do



Marco Antonio Silva, 26 anos, quer ser mestre-de-obras para deixar de cortar e amarrar pedaços de ferro

destino o seu dia-a-dia: reformar e construir prédios e casas, sob o sol dessa época, ao mesmo tempo em que não tem um lugar para morar. E a fixação do armador que saiu de casa aos 14 anos — e que passa os dias a alimentar calos nas mãos, entortando ferro de acordo com as exigências do projeto da obra — e, construir a própria casa, só não é maior no pensamento de voltar a estudar. E crescer profissionalmente.

A idéia o faz suportar as dificuldades do trabalho. E considerar a vida nos canteiros de obras boa e ruim, ao mesmo tempo. “Boa porque é uma forma de sustentar a família e sobreviver. A gente tem chance de aprender. Ruim porque o sol não dá descanso, racha a cuca, desanima.”

Um lamento que também faz parte da ladainha de reclamações do colega Dogival, o soldador que, há 17 anos, fabrica e monta peças para perfuratrizes e misturador de cimento, entre outras engenhocas. E do bombeiro hidráulico José Mário, o *Baixim Bombeiro*. Um trabalhador que recebe R\$ 360 mensais. Dinheiro que some, mal chega. São R\$ 20 mensais com água, R\$ 20 com luz, R\$ 30 com telefone, R\$ 40 com o leite da meninas, R\$ 50 com o colégio particular de Emily, a filha mais velha. “E o salário vai acabando com *besteirinhas*, biscoito, iogurte. Quando penso que não, já acabou.”

E acabou mesmo. Nem dá para, no futuro, economizar e realizar o grande sonho de sua vida: montar uma mercearia. Mas o baixinho também tem outras ilusões quando adormece na cama: o de ganhar na Megassena. O problema é que, também, não sobra dinheiro para a aposta... E, assim, ele vai levando. Cavando valas para colocar as tubulações de águas pluviais e esgotos, quebrando concreto, enchendo as mãos de calos e a cabeça de suor e poeira. Uma epopéia louvável, em uma Brasília em eterna construção.